



“Minha mãe é a TV”: a mídia no lugar do Grande Outro¹

Guilherme Reolon de OLIVEIRA²

Universidade de Caxias do Sul, Caxias do Sul, RS

Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS

RESUMO

O século XX provocou uma série de colapsos paradigmáticos que se refletem nos estilos de vida e no comportamento das pessoas. Com a inserção dos meios de comunicação, especialmente a televisão, na segunda metade do referido período, a sociedade passa a ser espelho de suas configurações. Este estudo pretende ir um pouco além: busca investigar se a mídia vem ocupando o lugar de Grande Outro, conceito introduzido por Jacques Lacan para explicar o campo de inscrição de significantes do sujeito, normalmente ocupado pela mãe, enquanto estruturadora. Assim, tem como temática a correlação mídia e pós-modernidade, a partir de uma análise filosófico-psicanalítica. Como pressuposto a idéia de *sociedade do híbrido*: a hibridização como imperativo ético contemporâneo.

PALAVRAS-CHAVE: mídia; pós-modernidade; psicanálise; hibridização; grande Outro.

A pior das armas, a razão.
As torres de Nova Iorque
projetam salas aéreas
alongam sombras infinitas.
rasgam nossos endereços
e empurram Platão
para o interior da caverna.

Todos os dias retornamos ao primitivo
entre estilhaços
na luta
entre o Bem e o Mal.

Terrível Lucidez, Jayme Paviani

1 INTRODUÇÃO

A atualidade apresenta características singulares, as quais delimitam o século XX como um período ímpar: consumismo, individualismo, comunicação de massa e fragmentação – ou conhecimento especializado. Pensar a cultura pós-moderna é algo

¹ Trabalho apresentado na Divisão Temática *Estudos Interdisciplinares da Comunicação*, da Intercom Júnior – Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do XXXII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. Resultado da monografia “No lugar do grande Outro: ensaio sobre mídia e cultura pós-moderna”, submetida a banca examinadora em dezembro de 2008 e aprovada com grau máximo.

² Graduando em Comunicação Social – Habilitação Jornalismo, na Universidade de Caxias do Sul, e em Filosofia, na Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Bolsista de Iniciação Científica (BIC-UCS), sob a orientação do Prof. Dr. Jayme Paviani, com o projeto “A sociedade do híbrido: mídia e subjetividade”. Atua na Assessoria de Imprensa do Ministério Público do Estado do Rio Grande do Sul. É pesquisador de mídia e pós-modernidade, sob um enfoque interdisciplinar das Ciências Humanas, especialmente a partir de teóricos da psicanálise (Freud e Lacan), da sociologia e da filosofia contemporâneas. E-mail: guilherme.reolon@ufrgs.br.



instigante, à medida que analisamos nosso tempo e, conseqüentemente, nos analisamos. Desta forma, faz-se importante analisar a função/o papel desempenhado pela mídia na contemporaneidade.

Compreendendo seus mecanismos de controle e persuasão, investigando de que forma a comunicação exerce seu poder e qual a sua função na atualidade, a partir de um resgate histórico de seu surgimento e inserção na sociedade, poderemos identificar o seu papel. Procurar-se-á entender se/como a mídia atua na estruturação do sujeito, algo de fundamental relevância na pós-modernidade, tempo no qual valores e leis são encobertos por outros fatores, deturpados ou suprimidos. Principalmente se partirmos do pressuposto que a mídia atua no psíquico, e a indústria cultural, propiciada pela dominação da técnica, exerce um poder de contenção do desenvolvimento da consciência das massas.

Assim, este trabalho é norteado pela questão: “Se a mídia vem exercendo papéis antes ocupados pela Igreja, pela família e pela escola, estaria ela atuando na estruturação do sujeito, no lugar de Grande Outro, campo de inscrição de significantes, lugar materno?”.

2 PÓS-MODERNIDADE: MAL-ESTAR OU QUEBRA DE PARADIGMAS?

A Revolução Industrial e o progresso da técnica propiciaram à sociedade um grande avanço na tecnologia e nos processos maquinários tão importantes para a reprodução em série e o advento do capitalismo. O homem, com isso, foi colocado, por si próprio, em segundo plano. Elevou seu potencial industrial, progredindo em escala geométrica na área técnica, avançando em campos jamais imaginados por seus ascendentes.

As grandes corporações, visando o necessário lucro, objetivaram o ser humano. A partir da visão empresarial, ele é enquadrado em uma nova categoria: a de subordinado-trabalhador-operário. Com o surgimento das máquinas, essa nova categoria é obrigada a se acoplar aos botões, às alavancas, às engrenagens, tornando o homem apenas um executor de tarefas.

O empresário, para gerir com eficácia sua empresa, sua máquina produtiva, cria formas com vistas a controlar seus subalternos. Michel Foucault (1981/1999), analisa essa nova forma de poder, representada através de uma estrutura social denominada por ele de “sociedade disciplinar”. Essa sociedade, caracterizada por métodos de vigilância,



controle e correção, tinha como dispositivo estratégico a utilização de *micropoderes*, segmentos de um poder absoluto de um tirano ou um ditador (como no hitlerismo).

A “sociedade disciplinar” e seus micropoderes³ provocam no homem do final do século XIX e século XX, um *não-lugar*, segundo Marc Augé (1994). No não-lugar, um pseudo-lugar, as pessoas são apenas clientes, sem diferença, identificadas apenas por dados, diagnósticos, fichas cadastrais; a singularidade não é observada

É consenso que presenciamos um momento conturbado na atualidade. A História mundial vivencia um novo período; um período singular, caracterizado por elementos novos. Família, Estado, relacionamento, religião e educação, antes conceitos impermeáveis e rígidos, tornaram-se conceitos flexíveis e extremamente maleáveis, instáveis, pois só permanecem ‘vivos’ se contextualizados. Consumismo e individualismo são os parâmetros, os paradigmas da pós-modernidade.

Se falamos em pós-modernidade, assim como em outros períodos da história, não podemos nos isentar de mencionar sua contextualização espaço-temporal e suas origens. Se a pós-modernidade é caracterizada por um mal-estar, já exposto por Freud, quando da publicação de *O mal-estar da civilização* (1987), no início do século, este (o mal-estar) não é fruto de um nada. Um mal-estar advém de um ponto de partida, através de um ponto de ruptura estrutural.

Essas rupturas, intrínsecas a quebras de paradigmas, a partir de novas questões-problemas que se apresentam à sociedade, advém de um novo real que se apresenta: a criação de novas categorias de pessoas: as minorias, o adolescente, o ambiental, a comunicação. O período contemporâneo valoriza a informação e o serviço em detrimento da produção de bens, inicialmente industrial. Dessa forma, estabelece bases não materiais, contudo metafísicas, subjetivas, logo subversivas, persuasivas.

Segundo Jean Baudrillard (1995) somos refêns de uma *sociedade do consumo*. Consumir é o paradigma, o parâmetro da sociedade pós-moderna. Uma sociedade que impõe regras mercantilistas e conduz o ser humano a partir de ideais da cultura da mídia. A pós-modernidade é entendida como um período atribulado, em que os valores parecem ser voláteis e descartáveis. O egocentrismo, antes característico apenas da fase

³ *Dialética do Senhor e do Escravo* é o mecanismo social analisado por Hegel e depois por Lacan para designar momentos, história, em que o senhor depende do escravo para ser senhor, e o escravo depende do senhor para ser escravo. Há, entre ambos, uma relação de reciprocidade, dependência. É que observamos na atualidade, quando pensamos em mídia e sociedade. Isso fica mais claro quando partimos do pressuposto que a mídia não é algo isolado, amorfo, mas uma instituição também comandada por pessoas, Senhor. Hegel, em *Fenomenologia do Espírito* (1992), coloca que: Essa consciência [estóica] é por isso negativa no que diz respeito à relação de dominação e escravidão. Seu agir não é o do senhor que tem sua verdade no escravo, nem o do escravo que tem sua verdade na vontade do senhor e em seu servir; mas seu agir é livre, no trono como nas cadeias e em toda [forma de] dependência de seu ser aí singular. (HEGEL, 1992, p.136)



infantil, hoje impera em todos os níveis sociais. O ser humano, antes classificado como *sujeito* pela psicanálise (pois é *sujeito* ao meio social e ao Outro⁴ e não apenas resultado de uma herança genética), hoje parece ser um indivíduo, uma mônada a qual o outro é apenas um objeto de manipulação.

A sociedade do espetáculo, constatada por Guy Debord (1997), exalta a estetização. A aparência é a grande chave para a entrada no “maravilhoso” mundo pós-moderno⁵. Exercícios, cirurgias plásticas, toxinas injetadas no rosto, *liftings*, lipoaspirações são justificados com a esperada vida eterna. A qualidade de vida virou tema dos debates e a espiritualidade, cada vez mais descartada, é “exercida” como algo com um enorme valor.

A psicologia, atenta, quase que exclusivamente, às neurociências, faz um corte na subjetividade do sujeito, enquadrando-o em diagnósticos neuronais, a partir de exames que percebem apenas as manifestações sintomáticas das patologias. A investigação psicopatológica pós-moderna, focada nas abordagens biológica e farmacológica, é a principal derivação da crise do homem e da ciência contemporâneos. A psicanálise, a filosofia do sujeito, as ciências humanas e o estudo do homem a partir de uma visão macroscópica, que leva em conta a subjetividade e, portanto, a diferença não estão na moda, ao contrário da psicofarmacologia, que, nos últimos anos, ganhou destaque como forma de igualar, logo normatizar o sujeito, enquadrando-o, mais uma vez, numa cultura narcisista e de “iguais”.

O pensamento fragmentado, atento apenas às especializações, cada vez mais focadas em objetos de estudo menores, se alastrou em todos os meandros educacionais. Professores parecem estar cada vez mais perdidos, à medida que os alunos, sem limites impostos pela família, dominam as bancas escolares.

As relações de poder são medidas pelo capital. As grandes companhias de entretenimento exercem poder de manipulação sobre a maioria da população. Empresas de grande porte são soberanas no mundo mercantil. Produtos em série são valorizados e o homem é visto apenas como um funcionário, uma máquina produtiva, uma ficha cadastral, um diagnóstico.

⁴ *Outro* é um conceito da teoria lacaneana. É o campo da linguagem, o lugar materno (não necessariamente da mãe), lugar onde o sujeito inicia suas primeiras significações. É um campo simbólico, a partir do qual o sujeito recebe seus primeiros significantes. Desta forma, para Lacan, o humano constitui-se a partir do Outro. Daí a frase célebre do psicanalista: “O desejo do homem é o desejo do Outro”.

⁵ Segundo Mike Featherstone (1995), o pós-modernismo é caracterizado pela transformação da realidade em imagens e pela fragmentação do tempo numa série de presentes perpétuos. Esta segunda característica tem como paradigma a esquizofrenia, considerada um colapso da relação entre os significantes, o colapso da temporalidade, memória, senso de história. A experiência imediata e indiferenciada da presencialidade do mundo, para o esquizofrênico, conduz a uma noção de “intensidades”.



O diálogo foi substituído pela linguagem virtual, pelos bate-papos e pelos *chats* na Internet. As relações, com isso, se tornaram fúteis e extremamente vulneráveis, sem consistência. A cibercultura, atenta apenas à tecnologia e ao progresso técnico propiciou um desgaste nas relações pessoais, deixando as máquinas intervirem no que há de mais humano em nossa espécie: os sentimentos.

Pertencemos a uma sociedade atenta apenas às máscaras, ao externo. Ideais de sociedade, como os tidos pelos clássicos, pelos medievais ou pelos modernos, parecem estar perdidos pela História, já que não fazem mais parte de nosso cotidiano. Fala-se em ideais, porém apenas “fala-se”. O bem-comum já não é mais o parâmetro para uma sociedade ideal. A sociedade, contudo, se reduziu ao transgredir. Isso porque o descartável impera. Não apenas o descartável dos objetos de plástico e borracha, mas o descartável das relações, da educação, das leis e da cultura. Há saída para o mundo pós-moderno? O que virá após a era do pós-moderno, pós-humano? O que será o pós-futuro?

Vemos nossas “metamorfozes” representadas nas depressões, nos transtornos, nas psicoses, nas perversões, nas neuroses, nos cânceres, na violência urbana. Mas como driblar o capitalismo e suas implicações? Lacan, em *Televisão* (1993), aponta: “Quanto mais somos santos mais rimos, é meu princípio, e até mesmo a saída do discurso capitalista -, o que não constituirá um progresso se for somente para alguns”.

3 A HIBRIDIZAÇÃO COMO IMPERATIVO ÉTICO CONTEMPORÂNEO

Vivemos, na atualidade, sob um excesso de paradigmas, na medida em que a informação, especialmente a visual (como decifrá-la?) é a grande mentora contemporânea. Há supervalorização da informação e do serviço, em detrimento da produção de bens. Emergem, rapidamente, uma quantidade enorme de disciplinas, ciências e conhecimentos, isolados e sem comunicação. Excesso esse gerador de falta, carência paradigmática, já que nos tornamos cada vez mais confusos e sem caminhos a seguir, sob a égide da incerteza total.

Como consequência da fragmentação e da super-especialização, adentrada em todos os meandros sociais, não apenas na educação, ou no conhecimento, mas em toda a cultura, sem seu sentido mais amplo, há hibridização por todos os lados. Fragmentada, quebrada, violada, a sociedade busca por reparação. Quer, no século XXI, hibridizar.

A palavra *híbrido* tem dupla origem, grega e latina: do grego, *hybris*, ultraje; do latim, *hybrida*, miscigenação. Segundo os gregos, híbrido era o que violava as leis



naturais. Há, sobretudo, na atualidade, rompimento, violação, quebra, ruptura. De legislação, de leis morais, de leis naturais. Pois bem, a hibridização é a principal característica da contemporaneidade. Chamada por alguns de *pós-modernidade*, prefiro nomear nossa sociedade, assim, de *sociedade do híbrido*.

A sociedade do híbrido⁶ prima pela mistura, pela fusão, em todos os sentidos, sejam eles materiais e físicos (com as próteses, os microchips, a fertilização *in vitro*, a manipulação genética), subjetivos e afetivos (a inteligência artificial, as relações líquidas, as incertezas existenciais). A polarização é suprimida, abafada, em favor da valorização da mistura. Não há mais bem e mal, ético e anti-ético, belo e feio, uma vez que além da conceituação, o próprio existir é relativizado.

Todos são “normais”⁷. A normalidade⁸ passa a ser sinônimo de anormal, uma vez que a diferença deve ser a suprema. Há andróginos, uma vez que o padronizador deve ser abolido de todas as formas. Não há mais diferença: todos a visando, acabam por se igualarem. “É homem ou mulher?” Há fusão homem-máquina, com a sobreposição de materiais inorgânicos a orgânicos. Não há relacionamento duradouro, duradouro mesmo. Nem “solteirice” plena. Há um meio-termo. Os relacionamentos quânticos são os grandes valores contemporâneos, já que a satisfação a qualquer preço, sem solidez, é a melhor 'sacada' do pós-modernismo. O ideal (se é que há!) é parecer sólido externamente, quando na matriz real o que há é fluidez. Ser “politicamente correto”: a “moda” do momento. O normal é ser normal, ou seria o contrário?

Há mescla de psicose e perversão. Esta última, antes da pós-modernidade excluída pela sociedade, caracterizada como patológica, é motivada pela sociedade do espetáculo, em que a mídia passa do papel de outro para Outro, ou seja, passa a estruturar o sujeito. Enquanto campo da linguagem, campo de significações, neste caso

⁶ Santaella (2003) ressalta que, no campo das tecnologias, a inteligência artificial, a robótica e a protética são, evidentemente, construções pós-humanas: “Também pós-humana é a nonotecnologia [...] a máquina está ficando cada vez mais parecida com o orgânico, e o humano, ao receber implantes maquinicos não é mais o que costumava ser. [...] Ainda outra tecnologia pós-humana é a vida artificial. São programas artificiais que têm a forma de vida, quer dizer, simulam sistemas biológicos em um espaço virtual. Dessa simulação, originam-se seres vivos secos, réplicas em silício dos seres vivos úmidos, de carbono” (p.241-242)

⁷ Zizek (2001) lembra que Lacan propôs: “uma visão libidinal de nossas sociedades capitalistas tardias ao falar da proliferação de sintomas, dos tiques particulares e contingentes que dão corpo ao gozo e que estão mais bem exemplificados pelos inúmeros aparelhos com os quais a tecnologia nos bombardeia todos os dias. Na perversão generalizada do capitalismo tardio, a própria transgressão é solicitada; somos bombardeados com aparelhos e formas sociais que não apenas nos permitem viver com nossas perversões, mas também conjuram diretamente novas perversões” (p.11)

⁸ “A indústria cultural impede a formação de indivíduos autônomos, independentes, capazes de julgar e de decidir conscientemente. O próprio ócio do homem é utilizado pela indústria cultural como o fito de mecanizá-lo, de tal modo que, sob o capitalismo, em suas formas mais avançadas, a diversão e o lazer tornam-se um prolongamento do trabalho. [...] A indústria cultural traz em seu bojo todos os elementos característicos do mundo industrial moderno e nele exerce um papel específico, qual seja, o de portadora da ideologia dominante, a qual outorga sentido a todo o sistema. Aliada à ideologia capitalista [...] a indústria cultural contribui eficazmente para falsificar as relações entre os homens, bem como dos homens com a natureza, de tal forma que o resultado final constitui uma espécie de antiiluminismo” (ADORNO, 2000, p.08)



exercido pela mídia, o Outro da pós-modernidade incute para o sujeito um pseudo-objeto, o que, conseqüentemente, gera um pseudo-desejo. As pseudo-satisfações, o mal-estar de nosso tempo: a ilusão do consumo.

Este pseudo-desejo, à semelhança do gozo, é puro fora-de-si, exterioridade plena. Daí o consumismo: realização dessa busca, plenitude desta constante procura pela satisfação, com o pseudo-objeto. As *performances* e a indústria cultural⁹, enquanto representações da sociedade pós-moderna, acabam por ser estimuladas, mesmo que inconscientemente, pelo sujeito. É o que observamos, também, na cibercultura, na qual o sujeito pensa estar realizando algo, quando, nem mesmo, pensa naquilo. A cibercultura é o símbolo da transgressão – principal característica da perversão – e da alucinação – uma das manifestações da psicose. No ambiente virtual, o sujeito pode desejar tudo, realizar tudo, imaginar tudo e sentir tudo, sem fazer, realmente, tais coisas. É o fetiche, o gozo pleno.

O meio-termo é perigoso. Não há referências, já que todas as anteriores perderam seu valor-de-verdade, foram relativizadas, questionadas e colocadas à berlinda do real contemporâneo. Não há ícones, não há gênios especialmente geniais, ao mesmo tempo que há ícones demais, há celebridades, há sujeitos instantâneos, que surgem e desaparecem sob um mesmo surtir de tempo. Isso confunde, o que iguala os não-iguais, com a padronização imposta pelas leis de mercado.

Não há divisão de funções, já que as novas teorias administrativas pregam o saber fazer tudo, o ser multifuncional, cujo saber deve estar focado na missão empresarial, no objetivo final, no produto acabado. Mas, no mesmo instante, há cobrança de especialização super-especializada, que saiba lidar com as crises, com os problemas emergenciais.

Há crise de costumes. “Afinal, para quê, eles?” A moral é entendida como atadora da liberdade, que, por sua vez, é sinônimo de fazer o que se quer, sem Outro que me lembre das limitações sociais internas. Não há tradição, já que ela está ultrapassada, mas há retrôs, que estão na moda, na crista da onda. Não há comunicação, mas há excesso de meios para comunicação, há excesso de informação, ainda que superficial. Não há ideologia, que passa a categoria de utopia. Há, contudo, excesso de ideólogos,

⁹ “para a referida Indústria Cultural, a cultura, propriamente dita, subordina-se ao entretenimento para que possa sobreviver em sua estratégia de divulgação mercadológica, mesmo que para tal tenha que se fundir à animação própria do espetáculo: daí o termo “animação cultural”. O que não deve ser confundido com a função da cultura no Humanismo Renascentista, onde a Razão era o próprio espetáculo ou, dito de outra forma (tomando-se o teatro “shakespeareano” como marco), o espetáculo transformava-se em cultura e não a cultura em espetáculo. Vale dizer que Hamlet era culturalmente maior do que seus intérpretes e/ou porta-vozes críticos, enquanto na contemporânea sociedade do espetáculo o porta-voz faz-se passar pela autoria (maestria)”. (MENDONÇA, 1994, p.67).



que proclamam saberes e verdades pretendentes a absolutas. Como disse, é a sociedade do híbrido. Está feita a confusão¹⁰.

Eis o imperativo ético contemporâneo: “Hibridize toda e qualquer substância, sobretudo as orgânicas, afim de que novos estilos emerjam, como forma de aceitação e congregação da diferença”.

4 SUJEITAR-SE: AS ESTRUTURAS PSÍQUICAS PRÉ-HIBRIDIZAÇÃO

O humano é um ser relacional. Logo, é inscrito no discurso pela alteridade. Contudo, para constituir-se sujeito, uma vez que nunca será indivíduo, é necessário que esse *alter* o olhe. Antes do verbo, então, no início, era a *visàge*, a imagem especular. Para ser chamado de sujeito, para ser formado enquanto tal, é preciso que um Outro, o grande Outro, o veja e, mais que isso, o olhe com olhar de diferença, com olhar desejante que este, à sua frente, o seja sem-igual. Este Olhar, constitutivo, é que lança desejo, falta no sujeito. E esta falta é condição primordial para que ele seja barrado, à procura de algo, do objeto, que o complete; é essência para que o humano se desenvolva da forma mais “saudável”. É através de seu reflexo, descoberto no Olhar do Outro, que há, com identificação, a noção de eu. Sem esta falta, ele não tem a chave necessária para a entrada no simbólico, na linguagem, no discurso; será um amorfo. Sem essa falta, ele estará completo, sem algo que o impulse à procura, à vida por excelência.

Lacan concebe o humano como uma estrutura. Essa estrutura é concebida a partir de três registros: Real, Simbólico e Imaginário. O Real é tudo aquilo que não pode ser apreendido, apenas simbolizado, só é conhecido através de suas manifestações no Simbólico. É o inconsciente, o lugar onde os significantes são inscritos, é o profundo, o não-acessível, o sem-nome, o desordenado, o não-interdito. O Simbólico é o sistema de representações, a linguagem, a realidade, baseado nos signos e nas significações, é por onde o sujeito pode ser conhecido, uma vez que só é sujeito, pois é o sujeito da fala. O Imaginário se relaciona com a imaginação, com a faculdade de figurar coisas em pensamento, independentemente de sua realidade. É o lugar do eu por excelência, com seus fenômenos de ilusão, captação e engodo.

Acabada, fechada, a estrutura estará quando da chegada à idade adulta; antes, então, é uma estrutura em formação, na infância; e em processo de consolidação,

¹⁰ Uma representação desta realidade é encontrada na obra pictográfica de Salvador Dalí. Dalí soube ousar, fundamentando-se na escola surrealista, na qual o real é substancializado de forma *sui generis*. Figuras amorfas, além-real, hibridizadas, derretidas, extrapoladas, super-quantificadas nos remetem à sociedade atual, que prima pela instabilidade e pela desequilíbrio. Trabalho que chama a atenção pela incrível combinação de imagens bizarras, oníricas, com excelente qualidade plástica. Abuso de cores, choque no olhar, conflito interno *versus* externo, a representação do inconsciente, a aparência.



acabamento, na adolescência. A teoria psicanalítica de Lacan, neste sentido, descreve três possíveis estruturas as quais o sujeito, indiscutivelmente, se configurará. São elas: neurose, psicose ou perversão. Os fatores determinantes, os papéis fundamentais na formação da personalidade, sob esta perspectiva, serão o Outro, primordial, e a metáfora paterna, instituída pelo Outro. O campo e o significante Nome-do-Pai, assim, serão os fundantes do sujeito, os alicerces. O sujeito, na verdade, é sujeito a significantes, inscritos ou não pelo grande Outro. Por isso, o Outro, mais que um lugar, mais que um papel, normalmente exercido, ocupado pela mãe, é um campo. E, como todo campo, abarca o que nele está contido. Pois bem, este campo, o Outro, é um campo de inscrição de significantes e o sujeito é o que nele está.

No início, então, o Outro e o sujeito são uma única e mesma coisa. Esta coisa é uma mescla, um todo, um completo, ainda que sem nome. De maneira geral, sujeito e Outro, sujeito e seu campo, estão em simbiose. Mas este todo, esse sem nome, não é. Não sendo, permanece na vida, sem nela nunca ter entrado, até a morte. Se assim permanecido, ausência de desejo, ausência de separação, de corte, psicose o é. Psicose é a estrutura do sujeito sem desejo, do amorfo que nem sujeito é, pois a nada está sujeito. É a estrutura daquele que intrínseco ao Outro está, pois não foi incluído no discurso – o que só se dá pelo amor lançado pelo Outro – mas foracluído. Sem antes sujeitar-se, não foi lhe permitido viver, foi esquecido, ao mesmo tempo preso.

Mais que uma marca negativa, o psicótico, aquele que foraclui, possui uma não-marca. Essa foraclusão é do Nome-do-Pai, significante da ordem do limite, que introjeta lei interna, ética, princípio e fundamental para a lei externa, a moral social. É deste significante que o sujeito está fora, é ele que o sujeito foraclui, junto com o Outro, que não o mostrou, ao contrário, privou da metáfora. É função do campo, do grande Outro, lançar Nome-do-Pai no sujeito, para que assim ele possa ser nomeado, chamado de sujeito. Esse lançamento, essa inscrição se dá através do desejo, desejo do campo para com o sujeito. Esse desejo, lançado pelo grande Outro, constituirá Lugar de Desejo da Mãe, base para a inscrição da metáfora paterna, Nome-do-Pai.

Não nomeado, não-sujeito, o não-sujeito, o psicótico, o sem-amor, entrelaçará os três registros, uma vez que desatados estão. Não foi permitido o enlace, que só se dá pela falta. Assim, eles estarão sobrepostos, o que causará ora a alucinação, ora o delírio. Sem a chave que o permite entrar no discurso, que possibilita o recalque ou a denegação, ele permanece foracluído, ou seja, não-incluído na realidade. Ele cria uma outra, criada, na verdade, pelo Outro.



O perverso, por outro lado, é o que denega, o que conhece, porém finge não conhecer, nega a metáfora. Ela está introjetada, pois o sujeito foi desejado, mas é denegada, pois está enfraquecida, dilacerada. A lei é presente, mas é posta de lado. O grande Outro a apresenta, mas não a favorece, não a abarca, a coloca às margens: provoca uma violação. Violada à lei, antes inscrita fraca, o sujeito a substitui pelo fetiche, pelo gozo a qualquer preço, pelo voyeurismo. Não há concepção de alteridade, todos são instrumentos de manipulação e gozo do sujeito. O inconsciente do perverso está a descoberto. Há fantasia de plenitude, uma vez que o Real está desprendido da metáfora, do discurso. No lugar de uma simbolização, está imaginarizado. O sujeito é um sujeito da transgressão à norma, à natureza, à lei, que se manifesta através do masoquismo, do sadismo, do narcisismo.

O neurótico, neste sentido, é o “oposto” do perverso: no lugar do ato, o neurótico fantasia. Fantasia com os atos que o perverso faz. Fantasia, pois aqueles estão interditos em seu inconsciente, são impossibilitados. Se realizados, a descuido, são culpáveis, já que a lei está presente a todo instante, a lei é o fio-condutor de sua existência. O neurótico, manifestado na histeria – que deseja a atenção, a busca – e na obsessão, cujas regras estão ato-a-ato, é o sujeito da lei internalizada, é o sujeito que precisa de um simbólico suplementar, ou seja, do sintoma, para que o desejo se mantenha recalado. O recalque, pois, é o mecanismo de defesa do neurótico. Para ele, o desejo é compreendido a partir da demanda. Ele cria o sintoma, para doá-lo ao Outro, como retribuição ao amor a ele depositado. Ele acredita no Outro, ao passo que o psicótico é o Outro, e o perverso se dá ao Outro, como forma de gozo, como objeto e instrumento deste.

5 O GRANDE OUTRO SUBSTITUTO - A PARTIR DA METÁFORA DE “O PERFUME”, DE PATRICK SÜSKIND

Uma metáfora da estruturação do sujeito pós-moderno está na obra *O Perfume* (1985), de Patrick Süskind, transposta para o cinema no século XXI. Jean-Baptiste Grenouille é um sujeito nascido do desconhecido – do não-desejo, do não-amor –, em meio aos restos e ao lixo da Paris de tempos não-higiênicos¹¹. É o não-desejado, o sem-nome, por isso caracterizado e descrito como um ser sem cheiro¹²- metáfora do Desejo. Quando bebê era visto como estranho, uma vez que de nada, nem mesmo de odor ruim,

¹¹ “Bem ali, no lugar mais fedorento de todo o reino, foi que nasceu Jean-Baptiste Grenouille, a 17 de julho de 1738” (SÜSKIND, 1995, p.8)

¹² “Ele, o bastardo, é que não tem cheiro nenhum” (SÜSKIND, 1985, p.13)



ele era constituído. Mas Grenouille nem Outro teve. Não houve campo de inscrição no discurso, não houve possibilidade de constituição pela significação. Assim, ele procura por um Outro substituto, um Outro que o abarque, que o constitua, que lance olhar ou que, no mínimo, o complete, afim de que absoluto ou faltante se torne.

Nesta busca, o Outro acaba por ser o cheiro, o odor, o que o não pertencia. Grenouille foi posto a perecer pela mãe, junto aos peixes podres, ao sangue, ao lixo. Coube a ele, sozinho então, para melhor sobreviver ao mundo conturbado, procurar um Outro, um campo que o inscrevesse na linguagem, ainda que de maneira falha. Uma vez desprovido de cheiro, de odor, de caracterização pelo sentido olfativo, Grenouille inscrevesse na *significância* a partir do perfume, através das exalações. Assim, o mundo, para ele, é um mundo essencialmente de cheiro. É pelo odor que o sem-nome, agora com, conhece e compreende as pessoas, os objetos – animados ou inanimados –, os sentimentos.

Desprovido de uma estrutura, uma vez sem-Outro, sem campo, sem linguagem, então, o quase-sujeito vai em busca de um substituto. Uma vez estruturado de uma forma híbrida – estrutura ainda não catalogada – Grenouille cria-se a partir do que sente pelo olfato. O olfato, logo, é seu Outro, é seu referencial sógnico, simbólico. É pelo cheiro que ele concebe a realidade, a imaginação; se estrutura enquanto ora uno, ora múltiplo, sujeitado a este campo que não sente, não lança Olhar afetivo. Assim, este Outro é um campo que não deseja Grenouille, mas que inscreve pseudo-desejo – se a falta é superficial –, um protótipo daquele, para que, de alguma forma, ele se constitua sujeito ou amorfo simbiótico ao campo, que é o caso em questão.

A estrutura pós-moderna, a híbrida – mescla de estruturas e, ao mesmo, uma quarta estrutura, indissociável das demais¹³ –, é a estrutura descrita, metamoricamente, em Grenouille, o sujeito contemporâneo inscrito no discurso através de um Outro substituto. Com a figura paterna enfraquecida, ou anulada, uma vez que este Outro substituto é um Outro inumano, ficcional, o homem da pós-modernidade não abstrai, não introjeta lei, não a conhece, ou a ignora.

Isso, pois, a ética, enquanto significante de marca, não é inscrita, já que, em seu sentido estrito e original, é a referência aos antepassados, o respeito às origens, aos valores familiares apreendidos durante a existência. Este Outro, uma vez fantasioso, não

¹³ “O sujeito da cultura do narcisismo é tão 'socialmente determinado' quanto qualquer outro, mas tem que se acreditar livre para tudo desejar e tudo consumir. Esta fantasia de liberdade – o delírio da autonomia do homem moderno, no dizer de Lacan – tem seu preço em culpabilidade. O sujeito da cultura do narcisismo sente-se inteiramente responsável por suas escolhas e ignora que está sendo 'escolhido' pelo discurso do Outro; sente-se culpado por não ser capaz de obedecer ao imperativo do gozo desconhecendo que é impossível de se cumprir” (KEHL, 1996, p.133).



se alude ao *ethos*, já que desprovido deste é. O contemporâneo, ser híbrido, é marcado por uma estrutura híbrida, na qual o Outro substituto, um Outro “por procuração”, uma vez que o Outro real está oculto, é a mídia. O discurso da mídia¹⁴, do consumo, do espetáculo, capitalista, é o vigente na sociedade do híbrido, na sociedade que privilegia a hibridização à singularidade, à diferença.

Desta forma, o sujeito contemporâneo é marcado por um campo que Olha a todos da mesma forma, indiferente. A mídia nos olha, através de nosso Olhar¹⁵. Ou seja, a situação acaba invertida. Se o estádio do espelho, modelo proposto por Lacan para designar os primeiros passos da estruturação do sujeito, prevê que o Outro lance Olhar no sujeito para que ele, vendo sua imagem refletida neste Olhar, se constitua, há uma inversão da estruturação na pós-modernidade. Isso porque, hoje, o sujeito é que lança Olhar na mídia e a mídia reflete o que há aí.

Através deste Olhar que o sujeito projeta, ele próprio se constitui, assim como Grenouille. Ele, sem Outro, é que procura por este. Sem campo, ele o deseja. Sem discurso, ele próprio, de maneira falha – substituta – se constituirá, já que este Outro só o será porque o sujeito assim o quis. Por isso, na atualidade, o sujeito é marcado pela padronização, pela igualdade, pela pseudo-aceitação de todos. Se todos possuímos um mesmo Outro, que lança mesmos olhares, refletidos pelos nossos, nossos ideais – nossa ética, nosso imperativo ético – são constituídos igualitariamente.

Com isso, vemos rostos, corpos, pensamentos, idéias, ações e relações com características iguais: superficiais, hibridizadas, com discursos muito semelhantes. O Outro do sujeito pós-moderno é um discurso falho, ligado à interesses mercantis, cujos olhares são mesclas de desprendimento da realidade, ou seja, nem reais, nem ficcionais. Esses olhares, assim, nos confundem, tornam o sujeito um intrínseco, um acumulado de tarefas, de horários, de preenchimentos fluídos, de fraqueza no agir, de formas

¹⁴ Sodré (2000), destaca que a televisão é um momento típico dessa nova ordem social e que existe uma solidariedade lógico-histórica entre ela e a economia monopolista de mercado. Complementa dizendo que a essência de seu poder reside em seu estatuto de significação, que implica o controle do processo de significação cultural por um espírito empresarial. O teórico, ainda, lembra que a imagem opera mutações na estrutura psíquica e nos modos de percepção do indivíduo contemporâneo. Segundo o autor, a televisão não é um simples meio de informação que, ao lado de outros, veicularia conteúdos específicos; trata-se, na verdade, de uma estrutura, uma forma de saturação informacional do meio ambiente na sociedade pós-moderna, gerida, cada vez mais, pela tecnologia eletrônica. A televisão, enquanto representante da mídia/da indústria cultural na segunda metade do século XX, da mesma maneira exercida pela Igreja Católica na Idade Média, recalca o desejo do indivíduo. Ela insere e instaura, na estrutura psíquica do sujeito, um não-objeto, causa de um pseudo-desejo. O consumidor, desta maneira, perde a identidade e a subjetividade, pois isola seu diferencial: o desejo constituinte e estruturador.

¹⁵ “Desejo, imagem televisiva, imagem publicitária reencontram-se na afinidade de remeterem sempre a um objeto fadado a não poder jamais satisfazer o sujeito, ou seja, a um real que não se aprovará nunca. A imagem sob a forma de simulacro é apenas um signo feérico e, como tal, deve gerar a sua própria ordem baseada numa economia de frustração. Sua dinâmica de funcionamento consiste em não poder jamais cumprir inteiramente aquilo que promete: no caso do vídeo, o real indigitado; no caso da publicidade, o objeto anunciado, que não pode ser definitivamente satisfatório, pois deve deixar margem ao desejo ininterrupto de consumo”. (SODRÉ, 1994, p.61).

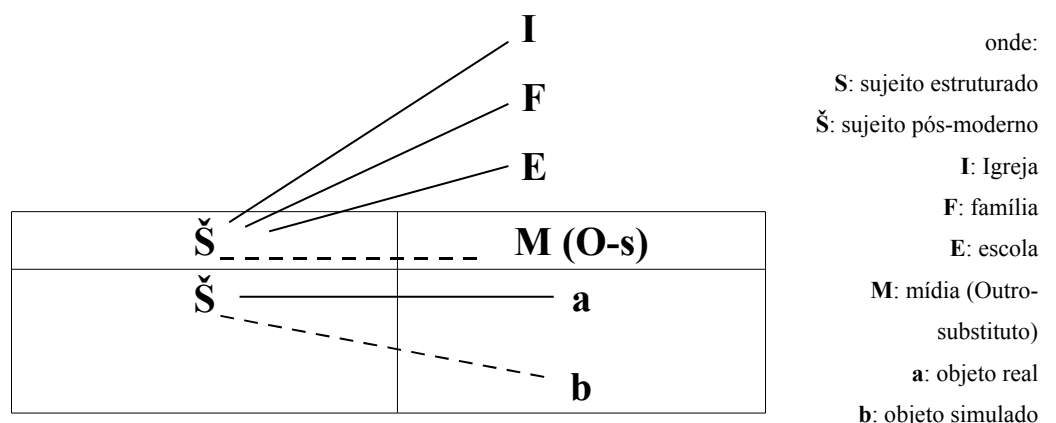
inacabadas, de superficialidades, de carência e excessos, de angústia e gozo, sem interdição alguma, de fazer-por-fazer, de ter-por-ter.

Há uma realidade crua, complexa e ao mesmo não profunda, com ligações estreitas (para que o híbrido aconteça) e ao mesmo tempo quase-rompidas, frágeis, já que o Outro é uma ficção, um holograma, um campo de significantes sem significado, de signos imagéticos, não fáceis de decifrar, inscritos por um campo forte, já que o real (o Outro de concepção, o materno), com medo, ou por não querer ocupar este lugar, se deixa vencer, entrega sua tarefa, a vende sem preço, por também estar inserido no contexto estabelecido histórico-culturalmente.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com a inserção da mídia, inicialmente sinônimo dos meios de comunicação primários, a saber o rádio, o jornal e o cinema, a sociedade passa a se configurar de maneira muito diferente, ora refletindo o veiculado, ora servindo de fonte para aqueles se configurarem¹⁶. Sob a égide da televisão, o tempo contemporâneo é um período de simulacros midiáticos que, mais que influenciar comportamentalmente, agem sobre a estruturação do sujeito. Atuam, assim, como grande Outro, campo de inscrição de significantes aos quais o sujeito está à mercê.

A mídia, ocupando o lugar da família, da Igreja e da escola, acaba por recalcar o desejo do sujeito, sua diferença; instaura um não-objeto, objetos simulados, causas de pseudo-desejos.



O homem moderno está em crise: metamorfoseado, condenado à rotina, aprisionado no determinado, sujeito pacato, que, através de um sintoma, tenta sair do

¹⁶ “A televisão não é, portanto, como se costuma afirmar, mero “reflexo do real”, mas antes “real do reflexo”. Em termos mais claros: num espaço visualizado à distância (telecomunicações), comandado à distância (telecomandos, informática), com coordenadas de tempo e espaço alteradas (simultaneidade, instantaneidade e globalidade dos acontecimentos), com uma produção ilimitada de simulacros (reproduções ou duplicações do real), a técnica televisiva apresenta-se com um aspecto real dessa ordem de reflexos ou simulacros” (SODRÉ, 1987, p.59).



mundo sufocante, desse mundo apenas de trabalho, imposto pela sociedade (pós-) industrial. O sujeito contemporâneo: em crise existencial, está inserido num contexto disciplinar, vigilante que adapta os indivíduos aos seus interesses.

Com a figura paterna anulada, uma vez que o Outro, que inscreve Nome-do-Pai no sujeito, é substituído, inumano, ficcional, o homem da pós-modernidade não abstrai, não introjeta lei. O discurso ao qual o contemporâneo está inscrito, então, é o do consumo, do espetáculo, líquido, que privilegia a hibridização e a congregação dos iguais à singularidade.

O tempo parece modificar com a tecnologia. Há uma aceleração, que remete a uma situação de caos. Como parar o tempo, já que a tecnologia adquire vida própria, impossível de ser detida? Sem agirmos para cessar nosso tempo, adaptarmos nossas necessidades a uma nova rotação, como ficaremos? A falta de tempo para realizar tudo o que nos é inculcado a fazer, frente às necessidades que são criadas constantemente pela onda mercantil, nos fere. Com isso, nos sentimos perdidos. Por isso, a busca por respostas imediatas, por medicamentos, por terapias breves, por aparelhos mais velozes. Qual a saída? Eis uma opção à sociedade que prima pelo visual e utiliza da ignorância nesse sentido para manipular e persuadir: uma educação voltada à alfabetização das imagens, uma educação aos signos imagéticos¹⁷.

REFERÊNCIAS

- ADORNO, Theodor W. **Textos escolhidos**. (Coleção Os Pensadores). São Paulo: Nova Cultural, 2000.
- _____; HORKHEIMER, Max. **Dialética do esclarecimento**. Rio de Janeiro: Zahar, 1985.
- AUGÉ, Marc. **Não-lugares**: introdução a uma antropologia da supermodernidade. Campinas: Papyrus, 1994.
- BAUDRILLARD, Jean. **A sociedade de consumo**. Lisboa: Edições 70, 1995.
- _____. **Simulacros e simulação**. Lisboa: Relógio D'Água, 1991.
- BAUMAN, Zygmunt. **Globalização**: as consequências humanas. Rio de Janeiro: Zahar, 1999.
- BOURDIEU, Pierre. **Sobre a televisão**. Rio de Janeiro: Zahar, 1997.
- DEBORD, Guy. **A sociedade do espetáculo**. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.
- FEATHERSTONE, Mike. **Cultura de consumo e pós-modernismo**. São Paulo: Studio Nobel, 1995.
- FISCHER, Rosa Maria Bueno. **Televisão e educação**: fruir e pensar a TV. 2 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.
- FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. 2 ed. Rio de Janeiro: Graal, 1981.
- _____. **Vigiar e punir**. 21 ed. Petrópolis: Vozes, 1999.

¹⁷ Pois, como coloca Giovanni Sartori (2001), “é bastante evidente que o mundo em que vivemos já está se apoiando nos ombros da 'geração-televisiva': uma espécie recentíssima de ser humano criado pela tele-visão – diante de um televisor – antes mesmo de saber ler e escrever” (p.8). Ou seja, o sujeito está diante de um espectro imagético, cuja decodificação consciente é, sobremaneira, de maior complexidade que a dos signos linguísticos formais. Se ele não possui as ferramentas essenciais para o entendimento destes últimos, o que dizer em relação àqueles? Sem dúvida, no mundo regido por imagens, o contemporâneo, é mais que necessária uma educação para essa realidade. Não basta decodificar letras, é preciso entender e compreender as imagens. Caso contrário, elas continuarão exercendo papel estruturador, uma vez que não passam pelo nível consciente: introjetam-se, diretamente, no registro do Real.



- FREUD, Sigmund. O mal-estar na civilização. In: **Edição standart das obras psicológicas completas**. Rio de Janeiro: Imago, 1987.
- _____. Sobre o narcisismo: uma introdução. In: _____. Rio de Janeiro: Imago, 1987.
- HEGEL, G.W.F. **Fenomenologia do espírito**. Petrópolis: Vozes, 1992.
- JORGE, Marco Antonio Coutinho; FERREIRA, Nádia P. **Lacan, o grande freudiano**. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.
- JURANVILLE, Alain. **Lacan e a filosofia**. Rio de Janeiro: Zahar, 1987.
- KAFKA, Franz. **A Metamorfose**. São Paulo: Nova Cultural, 2002.
- KEHL, Maria Rita. Você decide... e Freud explica. In: CHALHUB, Samira (org.). **Psicanálise e o contemporâneo**. São Paulo: Hacker, 1996.
- LACAN, Jacques. **Escritos**. São Paulo: Perspectiva, 1992.
- _____. **Televisão**. Rio de Janeiro: Zahar, 1993.
- LIPOVETSKY, Gilles. **Metamorfoses da cultura liberal: ética, mídia, empresa**. São Paulo: Sulina, 2004.
- _____. **Os tempos hipermodernos**. São Paulo: Barcarolla, 2004.
- LYOTARD, Jean-François. **A condição pós-moderna**. 7 ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2002.
- MARCONDES FILHO, Ciro. **A produção social da loucura**. São Paulo: Paulus, 2003.
- MCLUHAN, Marshall. **Os meios de comunicação como extensões do homem**. 10 ed. São Paulo: Cultrix, 2000.
- MENDONÇA, Antônio Sérgio de Lima. A insustentável leveza da cultura. In: **O ensino de Lacan II**. Rio de Janeiro: CEL, Gryphus, 1994.
- RÜDIGER, Francisco. A escola de Frankfurt. In: HOHLFELDT, Antonio; MARTINO, Luiz C.; FRANÇA, Vera Veiga (Org.). **Teorias da comunicação: conceitos, escolas e tendências**. 2.ed. Petrópolis: Vozes, 2001.
- SANTAELLA, Lucia. **Culturas e artes do pós-humano: da cultura das mídias à cibercultura**. São Paulo: Paulus, 2003.
- SARTORI, Giovanni. **Homo videns: televisão e pós-pensamento**. Bauru: EDUSC, 2001.
- SODRÉ, Muniz. **A máquina de Narciso: televisão, indivíduo e poder no Brasil**. São Paulo: Cortez, 1994.
- _____. **Televisão e psicanálise**. São Paulo: Ática, 2000.
- SÛSKIND, Patrick. **O perfume: história de um assassino**. São Paulo: Circulo do Livro, 1985.
- ZIZEK, Slavoj. A fuga para o real, **Folha de S. Paulo**, Caderno Mais, 08 de abril de 2008, p.8-12.